

## O USO DO HIPERTEXTO NO ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS

Ângela Maria dos Santos (UEMS)

[angel11ste@gmail.com](mailto:angel11ste@gmail.com)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

### RESUMO

A escola, na atualidade, tem o grande desafio de formar leitores/escritores capazes de utilizar a língua de modo variado, produzindo diferentes efeitos de sentido e adequando o texto a diferentes situações e é papel da escola proporcionar ao aluno atividades de ensino-aprendizagem que possibilitem a ampliação de sua competência discursiva tanto oral como escrita utilizando-se de textos, que segundo os PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* é a unidade básica do ensino. Como os textos sempre se manifestam em um ou em outro gênero textual é importante conhecer as características e a situação real de utilização de cada gênero tanto para a compreensão como para a produção textual, pois se pressupõe que a linguagem será utilizada de forma mais eficaz. Sabe-se que os jovens têm uma relação muito próxima com as mídias, pois utilizam-nas constantemente fora do espaço escolar, o que não quer dizer que acesso à informação seja aquisição de aprendizagem, principalmente em relação à leitura e à escrita. Dessa forma, pretende-se utilizar o estudo dos gêneros textuais através do hipertexto, que traz novas práticas de leitura e escrita através dos textos multimodais e que podem ser uma ferramenta auxiliar ao professor de língua portuguesa. Assim, buscou-se observar e comparar por meio da leitura da área como Marcuschi (2001, 2004 e 2005), Rojo (2012 e 2013), Coscarelli (2005 e 2011), Koch (2012), Schnewly e Dolz (2004) como suporte ao trabalho com os gêneros textuais por meio do uso do hipertexto, que será possível criar um espaço de diálogo e interação, melhorando assim o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Leitura. Escrita. Hipertexto. Textos.

### 1. Introdução

Estamos vivendo em uma época de constantes mudanças, provocadas pelo surgimento de novas mídias que estão inseridas em todos os

aspectos de nossa vida, e como não poderia ser diferente fazem parte também do cotidiano de nossos alunos, nativos digitais, que querem encontrá-las em seu cotidiano escolar. A escola de hoje começa seu processo de transformação tecnológica com a aquisição de ambientes e equipamentos eletrônicos e preparação dos professores para lidar com estas novas mídias, que devem de alguma forma estar inseridas em seus planejamentos, relacionados aos seus conteúdos.

Com estas mudanças há também o surgimento de uma nova forma de escrita, chamada de letramento digital. Segundo Kleiman (2005, p. 19) o letramento está relacionado com os usos da escrita em sociedade e com o impacto da língua escrita na vida moderna. Para Rojo (2013, p. 8), se os textos da contemporaneidade mudaram as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas. Percebemos assim, os novos usos dados ao letramento digital através das novas formas de leitura e escrita possibilitadas pelo hipertexto.

Segundo Xavier (2004, p. 171), o termo hipertexto pode ser entendido como uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. Estes novos e variados tipos de textos exigem novos gêneros textuais, pois possuem características próprias (MARCUSCHI & XAVIER, 2004) e, podemos nos referir a estes novos textos que circulam na internet de gêneros digitais, reconhecidos inclusive pela escola, pois já estão incluídos em seu currículo formal.

Percebe-se que os alunos/jovens, utilizam-se constantemente das mídias fora do espaço escolar, promovendo uma intensa aquisição de informação o que não quer dizer aprendizagem, principalmente em relação à leitura e escrita.

A internet tem possibilitado à aquisição de novas práticas de leitura e escrita, através de textos multimodais, isto é, que misturam texto, imagens e som em um mesmo suporte.

Assim, utilizando-se de hipertextos como recursos à leitura e a escrita no mundo midiático, o professor de língua portuguesa poderá propiciar aos seus alunos um maior contato com uma ampla variedade de gêneros textuais orais e escritos, de acordo com suas necessidades de informação e objetivos de aprendizagem, a partir de suas habilidades e das competências necessárias.

## 2. Língua oral e língua escrita

Não basta ensinar as características da linguagem oral, mas seu ensino deve acontecer em situações reais de práticas sociais, possibilitando ao aluno o uso efetivo da língua, em situações formais ou não, dependendo do contexto em que este estiver inserido e pode-se dizer que este ensino-aprendizagem é o resultado da união de três variáveis: o aluno, a língua e o próprio ensino.

Marcuschi (2008, p. 22) traz algumas indagações sobre oralidade e escrita na sociedade, nas quais ele questiona sobre em que condições e para que fins a oralidade é usada? Que tipo de conhecimento é o da escrita? Quais são os usos da oralidade e da escrita em nossa sociedade?

Neves (2013, p. 90) acredita que a escola tem que ser garantida como o lugar privilegiado de vivência de língua materna, seja ela falada, escrita, padrão ou não padrão, desde que usada em sua plenitude para falar, ler e escrever.

Mas o que se percebe é que a escrita tem usos diferentes na escola e fora dela e também que a escola de fato não insere os gêneros orais em sua grade de ensino, embora se aprenda a falar antes mesmo de ler e escrever. O ensino do gênero oral é utilizado na escola apenas como um meio para se chegar ao gênero escrito, que é mais respeitado e considerado por fazermos parte de uma sociedade prioritariamente escrita.

A presença do gênero oral em sala de aula ocorre sempre atrelada à estrutura do gênero escrito conforme demonstram De Pietro e Wirthner (1996, p. 132, *apud* Dolz e Schneuwly 2004, p. 139) em uma pesquisa, confirmando a tese de que o gênero oral continua fora da compreensão dos professores:

- o oral é principalmente trabalhado como percurso de passagem para a aprendizagem da escrita;
- os professores analisam o oral a partir da escrita;
- o oral está bastante presente em sala de aula, mas nas variantes e “normas” escolares, a serviço da estrutura formal escrita da língua;
- a leitura em voz alta, isto é, a escrita oralizada, representa a atividade oral mais frequente na prática (70% dos professores entrevistados).

Percebe-se então que a escola utiliza o gênero oral apenas como meio para chegar ao gênero escrito, mas não como um estudo puro e in-

dependente de qualquer traço da escrita, apesar da interação entre ambos ser inevitável.

Em nossa sociedade o texto escrito impôs-se ao texto oral, tornando-se símbolo de poder e desenvolvimento, embora a oralidade tenha uma primazia cronológica sobre a escrita, conforme diz Marcuschi (2008, *apud* STUBBS, 1980, p. 17,). A oralidade não é superior à escrita, que não é a representação da fala, pois não consegue reproduzir fenômenos da oralidade como gestos, movimentos do corpo, expressões faciais e outros e ainda ressalta que a escrita também tem seus elementos próprios que não são representados na fala como tamanho e cor de letra, por exemplo.

Pode-se dizer que mesmo criada depois da oralidade, a escrita está presente em quase todas as práticas sociais, mesmo de pessoas analfabetas, pois estas estão expostas a práticas de letramento – definido por Soares (2009, p. 47) como o estado ou condição de quem não apenas não sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita – como usar um transporte público coletivo, reconhecer uma marca de refrigerante, por exemplo, práticas estas em que o uso da leitura e escrita estão fortemente presentes, mesmo que não no seu uso formal e que ocorrem assim à margem da escola.

A fala é adquirida naturalmente em contato com outros falantes da língua, enquanto manifestação social, pois é o meio pelo qual o indivíduo se insere no meio em que vive e forma de socialização, enquanto que a escrita é adquirida na escola, num contexto formal de práticas de letramento. Pode-se observar esse uso da língua ao observar as expressões típicas de determinados grupos sociais, como é o caso das gírias, por exemplo, como também o uso de marcas típicas da oralidade nas situações de variações regionais como as expressões gaúchas, nordestinas etc.

Marcuschi (2008, p. 43) diferencia a fala e da escrita na perspectiva do uso e não do sistema, pois a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, histórico e social, indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático e que se manifesta em situações de uso concretas como texto e discurso.

Já Koch e Elias (2012, p. 16) fazem a seguinte diferenciação entre fala e escrita, conforme quadro abaixo:

FALA	ESCRITA
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita

redundante	condensada
não planejada	planejada
Predominância do <i>modus pragmático</i>	Predominância do <i>modus sintático</i>
fragmentada	não fragmentada
incompleta	completa
pouco elaborada	elaborada
pouca densidade informacional	densidade informacional
predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	predominância de frases complexas, com subordinação abundante
pequena frequência de passivas	emprego frequente de passivas
poucas nominalizações	abundância de nominalizações
menor densidade lexical	maior densidade lexical

**Quadro 1: Diferenças entre fala e escrita**

As modalidades oral e escrita se complementam, cada uma guardando suas propriedades, mas essas não são exclusivas de uma ou outra, pois o gênero textual analisado é que permitirá o ingresso nesta ou naquela modalidade. Há textos escritos como o bilhete que se aproximam mais do oral, da fala conversacional e também textos orais que são mais próximos da escrita formal como uma entrevista profissional.

### 3. Gêneros textuais

Sendo a escola o espaço de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades de produção de textos, é necessária a garantia de oportunidades e meios para que isso aconteça. Mas a participação nas diferentes práticas discursivas exige conhecimento dos diversos gêneros orais ou escritos, bem como a adequação aos contextos de uso.

Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, produzindo diferentes efeitos de sentido e adequando o texto a diferentes situações e é papel da escola proporcionar ao aluno atividades de ensino-aprendizagem que possibilitem a ampliação de sua competência discursiva tanto oral como escrita utilizando-se de textos, que, segundo os PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, é a unidade básica do ensino. É preciso então fundamentar o estudo da fala e da escrita através da modalidade de usos em que estes se inserem e sobre a oralidade, os PCN (1998, p. 24 e 25) afirmam que:

Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos (...) Mas, se o que se busca é que o aluno seja

um usuário competente da linguagem no exercício da cidadania, crer que essa interação dialogal que ocorre durante as aulas dê conta das múltiplas exigências que os gêneros do oral colocam, principalmente em instâncias públicas, é um engano. Nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola, a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões, os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral.

Assim, quando ingressa na escola o aluno o aluno já conta com habilidades discursivas para comunicar-se em situações que envolvam o uso da língua, mas a escola não prioriza o ensino do texto oral nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania, como por exemplo, em uma leitura de texto durante as aulas ou dando voz ao aluno para posicionar-se perante um assunto do cotidiano e trabalhando com ele elementos próprios da linguagem oral como a entonação, pausa, expressões faciais, gestuais que auxiliam no processo comunicativo oral e em diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias dos diferentes gêneros do oral.

É função de a escola pôr o aluno em situações reais de comunicação para que o mesmo possa compreender as possibilidades de utilização dos gêneros textuais e também possibilitar ao aluno o domínio desse gênero, para que o conhecendo e compreendendo-o possa utilizá-lo na escola e fora dela, em qualquer situação que se apresente com práticas que façam sentido para o mesmo. Os PCN ainda dizem que (1998, p. 25):

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc.

Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações.

Dessa forma, a escola precisa preparar o aluno para lidar com a linguagem oral nas mais diversas situações, dando-lhe condições de apropriar-se de suas características, como é o caso, por exemplo, de um seminário que tem uma estrutura própria. É preciso que o aluno saiba como é a tipologia deste gênero oral para que consiga participar de um evento como esse de forma eficiente e com qualidade, sabendo o tipo de linguagem que é esperado do seu participante.

É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero e também por algum texto. Assim, a comunicação verbal só acontece

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

utilizando-se algum gênero textual que de acordo com Marcuschi (2010, p. 22) referem-se a textos materializados encontrados em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica e são inúmeros. Já os tipos textuais são uma espécie definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) e que abrangem meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Como os textos sempre se manifestam em um ou em outro gênero textual é importante conhecer as características e a situação real de utilização de cada gênero tanto para a compreensão como para a produção textual, pois se pressupõe que a linguagem será utilizada de forma mais eficaz.

Os gêneros caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, que surgem de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias, sendo que um gênero dá origem a outro. É possível verificar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes se compararmos com as sociedades anteriores à escrita, de acordo com Marcuschi (2010, p. 19), que diz que:

Uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a. C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação.

É possível perceber que com as novas mídias, principalmente as ligadas à comunicação surgiram novos gêneros textuais surgidos da intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, grandes meios de comunicação como o rádio, a televisão, a revista, e o jornal vão abrigando e fazendo surgir novos gêneros ou adaptando ao meio midiático gêneros já existentes como os editoriais, as notícias, telegramas, telefonemas, teleconferências e bate-papos virtuais.

Agrupamento dos gêneros de acordo com o desenvolvimento da expressão oral e escrita, conforme o quadro 2, extraído de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.102):

<b>DOMÍNIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO</b>	<b>CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMI-</b>	<b>EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS</b>
--	---------------------------------------	---

**XVIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

	<b>NANES</b>	
Cultural literária ficcional	<b>NARRAR</b> <i>Mimeses</i> da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	<b>RELATAR</b> Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho <i>Curriculum vitae</i> Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	<b>ARGUMENTAR</b> Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	<b>EXPOR</b> Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos "expositivos" ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	<b>DESCREVER AÇÕES</b> Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

**Quadro 2 – Aspectos tipológicos**

A escola sempre trabalhou com os gêneros, seja um ou outro, pois se sabe que o gênero não é apenas ou tão somente instrumento de comunicação, mas ao mesmo tempo é objeto de ensino-aprendizagem. Os alunos vivenciam muitas situações em que a escrita é necessária e onde a produção de textos, utilizando algum gênero textual multiplica-se seja

por textos orais ou escritos, inclusive através da utilização dos novos gêneros textuais.

Hoje, com as novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita e com o surgimento das novas mídias, principalmente a *internet*, presencia-se o surgimento de novos gêneros textuais ou ainda a assimilação de um gênero por outro, gerando assim um novo gênero, que é o caso, por exemplo, do *e-mail* que tem na carta e no bilhete o seu antecessor. Mas percebe-se que é um gênero novo, criado a partir de uma mídia virtual e que tem características próprias, diferentes de seus antecessores.

A tecnologia favorece o surgimento de novos gêneros textuais ou ainda a transmutação ou assimilação de um por outro gerando novos, fato já apontado por Bakhtin (1997, *apud* MARCUSCHI, 2010, p. 21). Sobre estes novos gêneros textuais criados a partir da *internet* Marcuschi (2002, p. 14 e 15) fala que:

Uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é serem altamente interativos, geralmente *síncronos* (com simultaneidade temporal), embora *escritos*. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala-escrita. Além disso, tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação com a presença de imagem, voz, música e linguagem escrita numa *integração de recursos semiológicos*. Quanto a isso, há outro aspecto nas *formas de semiotização* desses gêneros, relativo ao uso de marcas de polidez ou indicação de posturas. São os conhecidos *emoticons* (*ícones indicadores de emoções*) ao lado de uma espécie de *etiqueta netiana* (etiqueta da *Internet*, tal como analisada por Crystal, 2001), trazendo descontração e *informalidade* à formulação (monitoração fraca da linguagem), tendo em vista a volatilidade do meio e a rapidez da interação. Contudo, estes aspectos não se distribuem por igual ao longo dos gêneros.

Sendo então característica dos gêneros virtuais a interatividade e a informalidade estes são facilmente aceitos e utilizados pelos estudantes que precisam escrever, mesmo que usando o *internetês*, - uma linguagem simplificada e informal, como por exemplo, kd, vc, bjs, que surgiu no ambiente da *internet*, para tornar a comunicação mais rápida em sites de relacionamento, mensagens instantâneas e em chats e blogs – mas é função do professor de língua portuguesa trabalhar com os gêneros textuais e auxiliar seus alunos na apropriação das características próprias de cada gênero, ajudando-os a aproximar a linguagem escrita da norma padrão, mostrando-lhes que o uso da língua deve ser feito de acordo com a exigência da situação social do momento.

Com os gêneros textuais midiáticos é possível que o professor de língua portuguesa trabalhe além das tipologias próprias de cada gênero, as especificidades da língua que surgem no decorrer da aula e que são próprias das situações do cotidiano e da língua oral, como as marcas da oralidade, por exemplo, que dependendo do grau de formalidade do texto deverá ser eliminado por completo da fala, para não comprometer a clareza e a comunicação do texto.

Com o surgimento da *internet*, gêneros já existentes transformaram-se, adaptaram-se de acordo com a mídia usada, surgindo de acordo com as necessidades ou o surgimento das novas tecnologias.

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal // bilhete // correio
2	<i>Bate-papo virtual em aberto</i>	Conversações ( <b>em grupos abertos?</b> )
3.	<i>Bate-papo virtual reservado</i>	Conversações duais ( <b>casuais</b> )
4	<i>Bate-papo ICQ (agendado)</i>	Encontros pessoais ( <b>agendados?</b> )
5	<i>Bate-papo virtual em salas privadas</i>	Conversações ( <b>fechadas?</b> )
6	<i>Entrevista com convidado</i>	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>Aula virtual</i>	Aulas presenciais
8	<i>Bate-papo educacional</i>	( <b>Aula participativa e interativa???</b> )
9	<i>Vídeo-conferência</i>	Reunião de grupo/ conferência / debate
10	<i>Lista de discussão</i>	Circulares/ séries de circulares (???)
11	<i>Endereço eletrônico</i>	Endereço postal

**Quadro 3 – Gêneros textuais emergentes na mídia virtual  
suas contrapartes em gêneros pré-existent**

Conjunto de gêneros textuais surgidos na mídia virtual, embora nem todos sejam novos ou inéditos, centralizados nas atividades comunicativas da realidade social, pois como os gêneros são fenômenos sócios históricos e culturalmente sensíveis, não se pode fazer uma lista fechada de todos os gêneros integrando várias semioses, como sons, imagens e palavras.

Certamente trabalhar com o ensino de língua portuguesa a partir de gêneros textuais orais e escritos, utilizando-se de mídias como suporte ao trabalho com textos terá alguns obstáculos práticos como a questão da quantidade de computadores disponíveis para uso dos alunos, porém o objetivo proposto é incentivar a leitura e a escrita por meio de hipertexto que de acordo com Marcuschi (2001, p. 83) consiste numa rede de múltiplos segmentos textuais conectados, mas não necessariamente por ligações lineares. Assim, cada leitor faz as escolhas de leitura que achar mais

pertinentes aos seus objetivos e esta é a principal diferença entre hipertexto e os textos de livros e revistas tradicionais.

Dessa forma, pretende-se melhorar a busca pelo conhecimento por parte do aluno, bem como torná-lo um leitor e produtor de texto mais eficiente, capaz de elaborar textos nos mais variados gêneros textuais, possibilitando que o aluno use todas as mídias disponíveis na escola, com práticas de letramento variados, como os textos multimodais que utilizam-se da linguagem visual como a fotografia, a pintura, os desenhos, os gráficos, etc., nas práticas de leitura e escrita, fazendo assim emergir um novo olhar para a análise e recepção de textos.

#### **4. Hipertexto**

As escolas públicas brasileiras não podem ficar de fora deste novo mundo de possibilidades que surgem com a *internet*. Os professores estão constantemente participando de formações para compreender como lidar com estas novas mídias digitais que agora fazem parte da rotina escolar, pois o aluno já está inserido na tecnologia da informação. Mas é preciso repensar como utilizar este novo recurso, que traz novas formas de interação e de diálogo, com novos gêneros textuais e também textos multimodais, com um novo ambiente de leitura e escrita, de pesquisa e produção textual.

As novas mídias, principalmente a *internet*, possibilitam novas formas de produção e circulação de discursos, além de diferentes formas de aprender, ensinar e de se comunicar. Muito tem sido discutido a respeito das práticas discursivas mediadas pelo computador, especialmente pela *internet* (MARCUSCHI & XAVIER, 2004; MARCUSCHI, 2005).

Os alunos, público alvo desta pesquisa, fazem uso das novas mídias o tempo todo, principalmente do hipertexto, pois sempre que se conecta à *internet*, faz-se a leitura de algum tipo de hipertexto ao acessar qualquer portal de notícias, por exemplo, ou as redes sociais. E também utiliza-se o hipertexto quando comenta-se uma matéria de um jornal online, um texto de um blog ou mesmo curte-se uma postagem no *Facebook*. A questão é o modo de se utilizar este recurso em benefício da aprendizagem, de um progresso na aquisição da leitura e da escrita.

As mudanças sociais e tecnológicas dos últimos anos trazem transformações na forma de aprender e também na forma de expressar-

se. Para isso são necessárias novas práticas de produção, de leitura, de ferramentas e também nova postura do leitor/autor do texto.

Lévy (1993, *apud* Jimenez, 2013) define:

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos, que podem, eles mesmos, ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.

A escola, na atualidade, passa por um grande desafio que é o de formar leitores/escritores, numa cultura de tradição fortemente escrita, capazes de interagir utilizando-se das várias mídias disponíveis, utilizando-se de textos midiáticos como o hipertexto, que exige um leitor autônomo, agentes de sua aprendizagem.

O uso do hipertexto em ambiente escolar possibilita ao aluno o contato com vários ambientes de leitura e de aprendizagem, no qual o mesmo será instigado para novos tipos de produções escritas, diferentes das historicamente ensinadas pela escola. Há ainda, a interatividade, que propicia novas formas de produção escrita, e a escola pode e deve funcionar como mediadora desses novos processos de interação e uso da língua.

De acordo com Marcuschi (2001, p. 83) um hipertexto consiste numa rede de múltiplos segmentos textuais conectados, mas não necessariamente por ligações lineares. Assim, cada leitor faz as escolhas de leitura que achar mais pertinentes aos seus objetivos. E é esta a principal diferença entre hipertexto e os textos de livros e revistas tradicionais.

Lenke afirma (2002, *apud* ROJO & MOURA, 2012) que o hipertexto é diferente do texto impresso por ter um design que permite várias interconexões, possibilitando diversas trajetórias e múltiplas sequências. Estas exigem novas habilidades que vão ao encontro de um novo letramento – o letramento digital – que refere-se tanto a aquisição de uma tecnologia quanto ao exercício de práticas de escrita que fazem parte do meio digital.

## 5. Conclusão

O leitor de um hipertexto é assim senhor do seu destino, pois escolhe, decide o caminho que quer percorrer em sua leitura e um caminho escolhido não será igual ao outro. Por isso, ele precisa ser autônomo, ter uma nova postura, fazer uma leitura coerente com o que busca, para não se perder na rede. É preciso usar conhecimentos prévios como conhecimento da própria estrutura de busca dos navegadores, formas de navegação e planejamento, que são itens fundamentais para que o leitor não se perca ou se deixe seduzir por outras leituras desvinculadas do objetivo original.

O professor de língua portuguesa, que lida diretamente com o ensino da língua materna precisa perceber que há uma mudança nas práticas de leitura e escrita, bem como uma mudança dos textos e também dos suportes dos novos gêneros textuais que estão em circulação na sociedade atual e que estes podem, se inseridos no espaço escolar, ser de grande contribuição para o avanço da formação de leitores e produtores de textos mais críticos, autônomos, conscientes do que leem e com condições de interagir nas diversas situações comunicativas utilizando-se das habilidades necessárias para a produção de textos orais ou escritos, midiáticos ou não.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais – língua portuguesa*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

KLEIMAN, Ângela. *Preciso ensinar o letramento: não basta ensinar ler e escrever*. Campinas: Cefiel-Unicamp; MEC, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO A. R; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, vol. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

\_\_\_\_\_; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?* 4. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

ROJO, Roxane (Org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.